

DISSERTAÇÃO

SOBRE

SCIENCIAS ACCESSORIAS

Qual é a composição dos Calomelanos, e do Sublimado corrosivo, e a melhor maneira de os preparar?
É possível que em alguns casos os Calomelanos se convertam no estomago em Sublimado? Quaes as circumstancias
em que semelhante decomposição pôde ter lugar?

ALGUMAS PROPOSIÇÕES

SOBRE SCIENCIAS CIRURGICAS

Como se terminam os nervos nos diversos órgãos? Tem elles conexões?
Quaes os meios de prova a respeito?

SCIENCIAS MEDICAS

É A NATUREZA DOS TUBERCULOS PULMONARES, E QUAES SÃO AS CAUSAS, QUE
CONCORREM PARA SUA APPARIÇÃO, PRINCIPALMENTE NO RIO DE JANEIRO?

THESE

APRESENTADA E SUSTENTADA PERANTE A FACULDADE DE MEDICINA
DO RIO DE JANEIRO, NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1851

POR

Antonia Francisca Leal

NATURAL DO RIO DE JANEIRO

FILHO LEGITIMO DO

CONSELHEIRO JOSÉ FRANCISCO LEAL

DOUTOR EM MEDICINA PELA MESMA FACULDADE.

Os homens tem querido dar razão de tudo,
para dissimular ou encobrir o seu pouco saber.

MAXIMA DO MARQUEZ DE MARICÁ.



RIO DE JANEIRO

Typ. DA EMPREZA — DOUS DE DEZEMBRO — DE PAULA BRITO
IMPRESSOR DA CASA IMPERIAL.

1851.



FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO.

DIRECTOR

O EXM. SNR. CONSELHEIRO DR. JOSE' MARTINS DA CRUZ JOBIM.

LENTES PROPRIETARIOS.

Os Srs Drs.

I—ANNO.

Francisco de Paula Candido, *Examinador*.....
Francisco Freire Allemão, *Examinador*.....

Physica Medica.
} Botanica Medica, e principios elementares de Zoolo-
} gia.

II—ANNO.

Joaquim Vicente Torres Homem.....
Jose Mauricio Nunes Garcia.....

{ Chimica Medica, e principios elementares de Mine-
} ralogia.
} Anatomia geral e descriptiva.

III—ANNO.

Jose Mauricio Nunes Garcia.....
Lourenço de Assis Pereira da Cunha.....

— Anatomia Geral e descriptiva.
Physiologia.

IV—ANNO.

Jose Bento da Rosa.....
Joaquim Jose da Silva.....
João Jose de Carvalho.....

Pathologia externa.
Pathologia interna.
} Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Bra-
} sileira, Therap., e Arte de formular.

V—ANNO.

Candido Borges Monteiro.....
Luiz da Cunha Feijó.....

Operações, Anatomia topogr. e Apparehos.
Partos, Molestias das mulheres pejudas e paridas
e dos meninos recém-nascidos.

VI—ANNO.

Thomaz Gomes dos Santos.....
Jose Martins da Cruz Jobim.....
2.º ao 4.º Manoel Feliciano P. de Carv.º, *Presidente*.
5.º ao 6.º Manoel do Valladão Pimentel.....

Hygiene, e historia da Medicina.
Medicina legal.
Clinica externa, e Anat. pathol. respectiva.
Clinica interna, e Anat. pathol. respectiva.

LENTES SUBSTITUTOS.

Francisco Gabriel da Rocha Freire, *Examinador*....
Antonio Maria de Miranda Castro, *Examinador*....
Antonio Felix Martins.....
Francisco Ferreira d'Abreu.....
.....

} Secção de sciencias accessorias.
} Secção medica.
} Secção cirurgica.

SECRETARIO

O Ssr. Dr. Luiz Carlos da Fouceca.

À

SAGRADA MEMORIA DE MEU ADORADO PAI

O Illm. Snr. Conselheiro

JOSÉ FRANCISCO LEAL

Uma lagrima de eterna saudade.

A MINHA EXTREMOSA E CARINHOSA MÃI

A ILLMA. SNRA. D. MATHILDE EMILIA DE VASCONCELLOS PINTO LEAL

Minha Mãi! Ao receber uma posição na sociedade eu encontro no meu coração, predominando sobre todos os outros sentimentos, a gratidão, de que sois credora, e o amor de um filho: sei bem que tudo, do que em mim existe, e que eu possa oferecer-vos, está muito áquem da retribuição que vos devo: o vosso amor de Mãi, os vossos desvelos e carinhos, e finalmente os sacrificios, que por mim tendes feito, deixaram em minha alma impressões, que só com a minha vida poderão ser apagadas; e no meu coração erigiram um altar, em que sois e sereis sempre adorada, enquanto em mim existir um sopro de vida.

Agora, minha Mãi, abraçai e lançaí a vossa benção ao

VOSSO FILHO

Antonio.

A MINHA CARA ESPOSA

A ILLMA. SNRA.

D. HENRIQUETA MAFALDA DA SILVA AZAMBUJA LEAL

Um por um todos os meus pensamentos, o meu coração, e a dedicação da minha vida inteira.

—
A MINHA FILHINHA

Quanto amor pôde a Natureza dar em um coração de Pai.

—
AO MEU RESPEITAVEL E PREZADO SOGRO

O Illm. Snr. Desembargador

JOSÉ BONIFACIO D'ARAÚJO AZAMBUJA

Eu vos devo tudo o que possuo de mais precioso no Mundo — o que poderei offerecer-vos? o tempo vos provará a minha gratidão, e a amizade que tão estreitamente me prende a vós.

—
AOS MANES DE MINHA SOGRA

D. LUDOVINA LAURA DA SILVA AZAMBUJA

—
AOS MEUS AMADOS IRMÃOS E QUERIDAS IRMÃS

Amor fraternal.

—
AOS MANES DE MEU SEMPRE CHORADO E QUERIDO IRMÃO

JOSÉ FRANCISCO LEAL

Uma lagrima de eterna saudade e viva dôr.

AO MEU PADRINHO

O ILLM. SNR. MAJOR MANOEL PEIXOTO DE AZEVEDO

Consenti, Senhor, que eu vos dedique este meu insignificante trabalho em signal de amizade e gratidão.

AOS MEUS CUNHADOS E CUNHADAS

Sincera prova de minha amizade e verdadeira estima.

AO ILLM. REVERM. SNR.

PADRE MESTRE MONT'ALVERNE

Uma das estrellas mais brilhantes, que ornam o Firmamento da nossa Religião.

Permitti, Senhor, que humilde, mal podendo alinhavar as minhas idéas e as lições dos meus Mestres, aventurando-me a um trabalho importante, quiçá superior ás minhas forças, expondo-me aos azares da publicidade, eu procure amparar a minha These sob a egide do vosso nome; recebei-a, apadrinhai-a — é quanto vos peço. Consenti agora, que eu vos renove os meus protestos de

RESPEITO, GRATIDÃO E PROFUNDA VENERAÇÃO

Antonia Francisca Leal.

AO MUITO DIGNO PRESIDENTE DESTA THESE

O Illm. Snr.

DR. MANOEL FELICIANO PEREIRA DE CARVALHO

Tributo da mais alta estima, amizade e reconhecimento.

A MEUS PARENTES E AMIGOS

PARTICULARMENTE

AOS ILLMS. SNRS. DRS.

FRANCISCO DE PAULA DUARTE D'ARAÚJO GONDIM

ANTONIO GABRIEL PAULA FONCECA

e suas familias

Testemunho de verdadeira estima, gratidão e respeito.

AO MEU MESTRE

O ILLM. SNR. DR. MANOEL DO VALLADÃO RIMENTEL

Pequeno signal de respeito e consideração.

AOS ILLMS. SNRS.

BRAZ CARNEIRO LEÃO

JOSÉ DA CUNHA MOREIRA

DR. MANOEL CANDIDO D'AZAMBUJA MAY

DR. FRANCISCO FERNANDES PADILHA

DR. JOÃO VENANCIO ALVES DE MACEDO

JOSÉ ANTONIO PAULISTANO ROSAS

Amizade e sympathia.

O Autor.

SCIENTIAS ACCESSORIAS.



BREVES CONSIDERAÇÕES



Qual é a composição dos calomelanos, e do sublimado corrosivo, e a melhor maneira de os preparar? É possível que em alguns casos os calomelanos se convertam no estomago em sublimado? Quaes as circumstancias em que semelhante decomposição póde ter lugar?



COMO temos de tratar dos compostos, que resultam da combinação do chloro com o mercurio, daremos antes uma idéa geral destes dous corpos.

O chloro, chamado sem razão gaz muriatico oxigenado, e que foi descoberto por Mr. Schéel, que lhe deu tambem o nome de acido muriatico deslogisticado, é um corpo simples não metallico, que não se acha puro na natureza, mas unido muitas vezes aos metaes no estado de chloruretos e de hydro-chloratos. Se tentarmos separal-o de suas combinações, obteremos o chloro gazoso, que é neste estado, segundo Mr. Faraday, um gaz não permanente, de uma côr amarella-verdoenga, de um sabor desagradavel, de um cheiro « sui generis » irritante e suffocante de tal sorte que impossivel é respiral-o ainda mesmo estando misturado com o ar, sua densidade é de 2,470.

Passaremos agora a tratar do mercurio.

Este corpo, conhecido tambem pelos nomes de prata viva, (hydrargyrum), é o unico metal liquido na temperatura ordinaria, brilhante de um branco ligeiramente azulado, sua densidade é de 13,568.

Encontra-se o mercurio, 1.º, no estado nativo puro, ou amalgamado com a prata em quasi todas as minas de mercurio, principalmente nas de sulphureto; 2.º, combinado com o enxofre; 3.º, com o chloro; 4.º, com o selenio.

Conhecemos duas combinações do chloro com o mercurio; que são o proto-chlorureto, e o bi-chlorureto de mercurio.

O proto-chlorureto, chamado tambem mercurio doce, panacéa mercurial, calomelanos, precipitado branco; e conhecido mais por muitos nomes latinos, taes como os de aquila alba, aquila mitigata, draco mitigatus, etc., é sempre um producto d'arte.

Este composto é solido, branco, meio transparente, insipido, insolúvel n'agua e no alcool a frio, mas se empregarmos doze mil partes d'agua fervendo dissolveremos uma parte do proto-chlorureto, não tem cheiro, é inalteravel no ar, e torna-se phosphorescente pelo atrito, sua densidade é de 7,156.

O proto-chlorureto de mercurio é formado de 85,1 de mercurio, e de 1,9 de chloro.

Volatilisa-se por meio do calorico e fornece crystaes, que são prismas tetraedricos terminados por pyramides de quatro faces. Amarellece, e torna-se por fim negro estando por longo tempo debaixo da influencia da luz. O phosphoro rouba-lhe o chloro por meio do calorico e passa ao estado de per-chlorido de phosphoro muito volatil, e o mercurio fica a nú.

Misturado o proto-chlorureto de mercurio com o carvão e a quantidade d'agua necessaria para fazer uma massa, se elevarmos a temperatura, não só elle como tambem a agua decompõe-se, e obteremos mercurio metallico, acido chlorhydrico, gaz acido carbonico, e um pouco de gaz oxígeno.

Se o aquecermos com a potassa solida, obteremos mercurio, gaz oxigeneo, que se volatilizam e chlorureto de potassio fixo.

Obteremos gaz acido sulphuroso, sulphato de bioxido de mercurio, e bi-chlorureto do mesmo metal se lançarmos acido sulphurico concentrado fervendo sobre elle.

O acido chlorhydrico o transforma pela ebulição em mercurio, e em bi-chlorureto do mesmo metal.

O acido azotico o dissolve a quente com producção de vapores rutilantes, e forma-se uma mistura de bi-chlorureto e de azotato de bioxido de mercurio.

PREPARAÇÃO.—Os calomelanos podem-se preparar por tres processos differentes.

1.º Lançando-se em uma dissolução de proto-azotato de mercurio o chlorureto de sodio dissolvido, e lavando-se o deposito em uma grande quantidade d'agua: este deposito, que é o proto-chlorureto de mercurio tomava antigamente o nome de precipitado branco: nesta preparação o proto-chlorureto de mercurio retém sempre um pouco de chlorureto de sodio, que o torna ligeiramente solúvel e mais activo.

2.º Póde-se preparal-o de uma maneira geral ajuntando um equivalente de mercurio a outro de sublimado corrosivo. Tritura-se para esse fim sublimado corrosivo com agua e mercurio em um pilão de páo, logo que se acabar o mercurio, faz-se seccar a mistura na estufa, se a introduz depois em um balão de fundo chato, e se a eleva a uma temperatura moderada. O proto-chlorureto de mercurio distilla-se, e vem conden-

densar-se na parte fria do balão, formando um pão, que se extrahе quebrando-se o vaso.

Para obter-se o proto-chlorureto de mercurio em um estado extremo de divisibilidade, que o torna mais activo, e que é quasi sempre administrado deste modo em medicina debaixo do nome de *mercurio doce* a vapor deve-se empregar o processo seguinte que é, sem contradicção, o mais economico; e que, (seguido desde muito tempo em Inglaterra, e empregado pela primeira vez em França por M. Soubeiran), foi vantajosamente modificado por M. Henry filho, da maneira seguinte. Introduz-se em uma retorta de fundição perfeitamente lutada, uma mistura bem homogenea de seis partes de proto-sulfato de mercurio, e de quatro de sal commum: colloca-se a retorta em um forno, de maneira que o seu collo fique quasi de todo contido no forno, afim de que os vapores do proto-chlorureto de mercurio condensados não obstruam o collo, e não determinem a ruptura do aparelho. Adapta-se ao collo desta retorta um balão de vidro com tres aberturas, duas das quaes são lateraes, e a terceira collocada na parte inferior; esta mergulha em um frasco com dous gargalos contendo agua distillada até a sua parte media: um destes gargalos serve de recipiente, e o outro é guarnecido de um tubo em S destinado a deixar desprender o ar e o vapor d'agua, que não se tenha condensado atravessando a agua do frasco. A segunda abertura lateral do balão é adaptada uma segunda retorta contendo dous terços d'agua distillada; a qual colloca-se sobre um triangulo de grosso fio de ferro. Luta-se bem todo o aparelho, e se eleva á temperatura das duas retortas; a que contém agua é aquecida um pouco mais, do que a outra, afim de que uma porção do liquido reduzido a vapor occupe a capacidade do balão antes da chegada dos vapores do proto-chlorureto de mercurio: estes dous vapores condensam-se ao mesmo tempo e cahem debaixo da fórma de um liquido carregado de um pó branco pela abertura inferior no frasco, que serve de recipiente. E' preciso ter o cuidado de conservar sempre muito quente o collo da retorta, donde partem os vapores do proto-chlorureto de mercurio, afim de que a condensação dos mesmos vapores não se effectue nesse lugar, o que faria cessar a operação. Continua-se a aquecel-as emquanto houver desprendimento de vapores da retorta, que contém a mistura, cessados estes, deixa-se esfriar lentamente e desmonta-se o aparelho. Recolhe-se o proto-chlorureto de mercurio em um filtro, e se o lava com agua fervendo até que o licor não se turve mais pela agua de cal; então se faz seccal-o. E' evidente que assim preparado o proto-chlorureto de mercurio não póde mais conter sublimado corrosivo. A panacéa mercurial, á qual os antigos chimicos attribuiam propriedades particulares não era senão este composto sublimado cinco ou seis vezes.

Trataremos agora do bi-chlorureto de mercurio.

Este composto, conhecido vulgarmente pelo nome de sublimado corrosivo, existe na natureza em mui pequenas porções, mas o que empregamos é sempre um producto d'arte.

De ordinario elle se apresenta debaixo da fórma de massas brancas, compactas, assetinadas, semi-transparentes sobre suas bordas, hemisphericas e concavas; sua parede externa é polida e luzidia; a interna é desigual eriçada de pequenos crystaes brilhantes, de tal sorte comprimidos, que é impossivel distinguir as faces; tambem se pôde apresentar algumas vezes debaixo da fórma de feixes agulhados, de cubos, ou de prismas quadrangulares; seu sabor é extremamente acre, e desagradavel; sua densidade é de 5,398.

O sublimado corrosivo é formado de 74,04 de mercurio, e de 25,96 de chloro.

Volatilisa-se mais facilmente do que o proto-chlorureto de mercurio, e espalha uma fumaça branca, espessa, de um cheiro picante. E' mais solúvel na agua quente do que na fria; mas o achool o dissolve melhor do que a agua. O ether-sulfurico o dissolve facilmente. Os crystaes de bi-chlorureto de mercurio não ennegrecem ao sol; mas quando se expõe sua dissolução á influencia dos raios luminosos, ella torna-se acida, e deixa depôr proto-chlorureto de mercurio. Se o tratarmos por uma dissolução alcoolica de iodo, elle dá pela evaporação crystaes vermelhos de bi-iodureto de mercurio. O phosphoro, o carvão e a potassa obram sobre elle, como sobre o proto-chlorureto. Se o triturarmos com o mercurio, elle se transforma em proto-chlorureto de mercurio.

Na temperatura ordinaria o zinco, o ferro, e o cobre o decompõem.

O acido sulphurico não o decompõe; ao menos este acido, ainda mesmo estando quente, não obra sobre elle senão com muita lentidão.

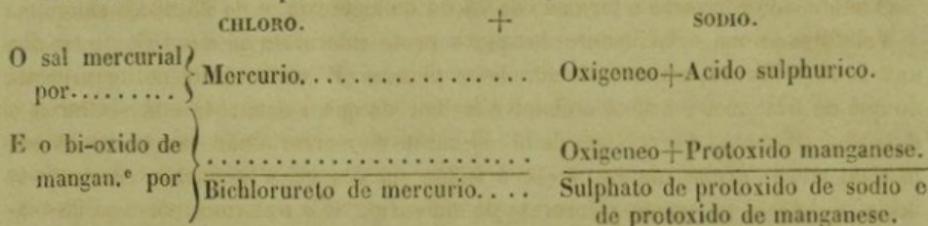
Os acidos azotico, e sobretudo o chlorhydrico o dissolvem facilmente, sem que elle soffra alteração.

PREPARAÇÃO.—O sublimado corrosivo pôde ser preparado, submettendo á distillação uma mistura de sulphato de bi-oxido de mercurio, e de sal marinho; como o sulphato de mercurio, que se emprega, contém sempre uma certa quantidade de sal de protoxido, que, em presença do sal marinho, formaria uma quantidade equivalente de proto-chlorureto de mercurio, ajunta-se á mistura um pouco de peroxido de manganese que, por seu oxigeno, transforma o sulphato de protoxido em sulphato de bi-oxido.

Em geral faz-se uma mistura de cinco partes de sulphato de mercurio, cinco de chlorureto de sodio secco, e uma de peroxido de manganese. Se a introduz nos matrases de vidro de fundo chato, os quaes são aquecidos por um banho de arêa, e enterrados até ao collo; colloca-se um cadinho voltado em suas extremidades abertas. A principio a temperatura deve ser moderada, afim de expellir a humidade de seu interior; logo que a mistura fica secca, tira-se um pouco de arêa deixando os matrases cobertos unicamente até a sua parte media, e se augmenta o fogo, que deve ser dirigido com cautela. A sublimação dura de oito a dez horas. Então se envermelhece ligeiramente o fundo do banho de arêa para dar mais densidade ao subli-

mado e lhe fazer experimentar um começo de fusão. Deixa-se esfriar lentamente os matrasses, e se os quebra depois para extrahir o producto, que se acha adherente ás paredes dos vasos: e fica no fundo dos mesmos sulphato de sódia misturado com oxido de manganese menos oxidado, do que aquelle que se empregou.

THEORIA. —Póde-se representar o sal marinho por



O chlorureto de sodio, o proto-sulphato de mercurio, e o bi-oxido de manganese se decompõe; o oxigeneo do protoxido de mercurio, e uma porção do que entra na composição do bi-oxido de manganese oxidam o sodio, este e o protoxido de manganese resultante, unem-se ao acido sulphurico, e formam os dous sulphatos, o chloro do sal commum combina-se com o mercurio e fornece o bi-chlorureto de mercurio.

Vejámos finalmente se é possível que os calomelanos no estomago se convertam em alguns casos em sublimado e as circumstancias em que semelhante decomposição póde ter lugar.

Reconhecerao M^r Mialhe e outros que o proto-chlorureto de mercurio em presença dos chloruretos alcalinos e sobretudo do sal amoniaco e agua podia transformar-se parte em sublimado corrosivo, e parte em mercurio metallico. Apresentaremos um factó, referido por Vogel, que deu occasião, a que muitos chimicos se occupassem de estudar este assumpto, que é muito importante debaixo do ponto de vista das applicações therapeuticas dos calomelanos. Um medico prescreveu a um menino pequenas doses de um medicamentó, cuja composição era a seguinte:—Sal amoniaco e assucar branco partes iguaes cinco grãos, calomelanos a vapor grão e meio. Falleceu o menino pouco depois de ter tomado algumas porções destes pós. Quizeram a principio accusar ao pharmaceutico, suspeitando-se que se tinha elle enganado na manipulação do medicamento, e alterado a prescripção do medico, mas as experiencias feitas depois demonstraram evidentemente que se podia effectuar tal decomposição; e que ella é mais prompta, quando a administração dos chloruretos alcalinos fór em proporção dupla daquella dos calomelanos. Devemos evitar de prescrever tambem o proto-chlorureto de mercurio com o iodo e o chloro, pois que estes corpos o convertem em sublimado corrosivo ainda mesmo na temperatura ordinaria.



SCIENCIAS CIRURGICAS.



ALGUMAS PROPOSIÇÕES.

Como se terminam os nervos nos diversos órgãos? Tem elles canaes?
Quaes os meios de prova?



I.

OS NERVOS são cordões esbranquiçados, ordinariamente cylindricos, formados de fibras particulares, que partem do centro nervoso por uma de suas extremidades, e vão ter por outra aos órgãos.

II.

Em seu tracto dividem-se elles em ramos, ramusculos e raminhos successivamente decrescentes, os quaes resultam de uma simples separação de suas fibras.

III.

Estas fibras são envolvidas por uma membrana brilhante côr de madreperola, a qual fórma o nevrilema geral.

IV.

Examinadas por meio do microscopio as fibras primitivas apresentam tres tubos que são, um continente ou ôco, outro contéudo ou solido, e um terceiro intermediario.

V.

O tubo continente consiste em uma pelicula membranosa, cylindrica, desigual e rugosa (Fontana), a qual fórma o nevrilema especial de cada fibra nervosa.

VI.

O tubo conteúdo é uma especie de bainha cylindrica, que parece formada por uma membrana particular transparente, homogenea, lisa e cheia de um humor gelatinoso de uma certa consistencia : este humor constitue a neurina.

VII.

O tubo intermediario consiste (Purkinje) em uma substancia medullar de natureza oleosa, que se acha entre a neurina e o nevrilema especial de cada fibra.

VIII.

As fibras nervosas primitivas são independentes, e isoladas umas das outras desde sua origem até a sua terminação.

IX.

Todos os observadores modernos concordam, que as fibras do nervo optico expandem-se no plano da retina.

X.

As fibras nervosas terminam-se tambem livremente nos corpusculos de Pacini ; (Henle e outros) : esta disposição póde ser observada na palma da mão e na planta do pé, etc.

XI.

Tem-se visto em algumas partes duas fibras nervosas se continuar uma com outra por arcadas terminaes de inflexão : nota-se esta disposição segundo alguns anatomicos na iris, no ligamento ciliar, na pelle das rãs, etc.

XII.

Hannover tem observado não só uma camada particular de fibras mui delicadas na parte membranosa da lamina espiral do homem e dos mamiferos, como tambem tubos nervosos, que formavam arcadas de inflexão na porção ossea desta mesma lamina.

XIII.

Elle tem tambem encontrado na membrana nictitante dos passaros ainda novos não

só arcadas, mas ainda extremidades livres de filetes nervosos terminando-se uns bruscamente sem se adelgaçar, por uma extremidade pontuda ou arredondada, outros dividindo-se em fibras mais delgadas ainda.

XIV.

Por meio de injeções mercuriaes reconheceram alguns anatomicos, que certas fibras nervosas quer no homem, quer nos animaes inferiores são perfuradas.



SCIENCIAS MEDICAS.



ALGUMAS PROPOSIÇÕES.

Qual a natureza dos tuberculos pulmonares, e quaes são as causas, que concorrem para a sua apparição principalmente no Rio de Janeiro.



I.

PALAVRA phthysica está reservada (no estado actual da sciencia) para designar uma molestia, que resulta do desenvolvimento dos tuberculos no parenchyma pulmonar.

II.

As causas, que se tem dado para explicar o desenvolvimento dos tuberculos pulmonares, são predisponentes ou efficientes.

III.

Geralmente fallando não ha idade alguma que esteja isenta da affecção tuberculosa; mas de ordinario é de vinte a quarenta annos que ella se desenvolve mais vezes.

IV.

Os individuos de constituição forte, de temperamento sanguineo são em geral menos dispostos á affecção tuberculosa, do que aquelles, em que predominam os traços, que caracterisam o temperamento lymphatico.

V.

Em consequencia deste ultimo temperamento é, que, frequentemente, está a mulher mais disposta á affecção tuberculosa, do que o homem.

VI.

A falta de exercicio, a reclusão e as profissões sedentarias fornecem em geral um maior numero de phthysicos, do que as profissões activas.

VII.

Posto que os individuos nascidos de pais phthysicos não sejam necessariamente votados a molestia dos seus ascendentes, deve-se com tudo admittir com M. Chomel, que o maior numero é levado cêdo ou tarde pela affecção tuberculosa.

VIII.

A phthysica é menos commum nos campos, do que nas grandes cidades.

IX.

Os climas excessivamente frios, assim como os quentes sendo humidos exercem uma certa influencia na producção dos tuberculos pulmonares.

X.

As habitações estreitas, sombrias nos lugares baixos, humidos, demasiadamente quentes ou frios, e mal arejados são em geral encaradas como produzindo com muita frequencia a phthysica.

XI.

A má alimentação, insufficiente, os trabalhos excessivos, finalmente toda a sorte de privações são causas ainda innumeradas, como determinando a frequencia incomparavelmente maior da phthysica na classe pobre, do que nos individuos, que vivem na opulencia.

XII.

O abuso das bebidas alchoolicas, o habito da masturbação, e os excessos venereos tambem são causas predisponentes da phthysica.

XIII.

Certas molestias agudas pervertendo mais ou menos a nutrição geral, e enfraquecendo a constituição concorrem muitas vezes para o desenvolvimento dos tuberculos pulmonares.

XIV.

A *propagação* da syphilis, e o abuso dos mercuriaes favorecem em alguns casos o desenvolvimento dos tuberculos pulmonares.

XV.

Entre as causas acima dadas para explicar o desenvolvimento dos tuberculos pulmonares acreditamos, que as innumeradas nas proposições 6.^a, 9.^a, 10.^a, 11.^a e 14.^a influem frequentemente para o seu desenvolvimento no Rio de Janeiro.

XVI.

Os tuberculos pulmonares parecem consistir em uma secreção morbosa, dando em resultado uma materia concreta particular, cuja sede a mais frequente, senão exclusiva é o tecido cellular inter-lobular.

XVII.

Não se tem ainda encontrado em taes produções vasos, nervos, fibras ou outro qualquer indicio de organização: ellas formam um todo homogeo.

XVIII.

Sendo inorganico este producto, o seu crescimento faz-se por accumulção de novas moleculas de materia tuberculosa, reunidas as moleculas já segregadas.

XIX.

Os tuberculos se podem desenvolver nos pulmões debaixo de duas fórmas principaes, que são, de corpos isolados, ou de infiltrações.

XX.

Segundo os seus diversos grãos de desenvolvimento os tuberculos isolados apresentam quatro variedades, que são: tuberculos miliares, crús, granulações tuberculosas e tuberculos enkystados.

XXI.

Encontram-se a principio pequenos corpos ordinariamente arredondados, duros, semi-transparentes, algumas vezes sem côr, quasi diaphanos. Esta variedade é conhecida pelos nomes de tuberculos miliares, (Laënnec) ou de granulações cinzentas (Louis).

XXII.

Mais tarde encontram-se massas mais ou menos volumosas, homogeneas, esbranquiçadas ou amarelladas de consistencia caseosa. Este estado caracteriza o tuberculo crú.

XXIII.

Algumas vezes estes productos são contidos em um envoltorio membranoso. Esta disposição constitue o tuberculo enkystado.

XXIV.

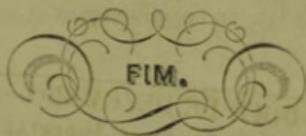
A infiltração tuberculosa apresenta duas variedades, que são, a cinzenta e a gelatiniforme.

XXV.

A materia cinzenta semi-transparente penetrando em diversos sentidos no parenchyma pulmonar, e formando massas ordinariamente irregulares, e angulosas no meio das quaes mostram-se pontos miliares, ou de todo tuberculosos, constitue a infiltração tuberculosa cinzenta.

XXVI.

Esta materia, tendo o aspecto de uma bella geléa avermelhada, que pouco a pouco se concreta, e se transforma mais tarde em materia amarella crúa, constitue a infiltração gelatiniforme.



HIPPOCRATIS APHORISMI.

I.

Qui sanguinem spumosum exspuunt, his ex pulmone talis rejectio fit. (Sec. 5.^a, aph. 13).

II.

Tabes maxime fit ætatibus ab anno octavo decimo usque ad quinquagesimum.
(Sec. 5, aph. 9).

III.

Ubi somnus delirium sedat, bonum. (Sec. 2., aph. 2).

IV.

In morbis acutis, extremitatum partium frigus, malum. (Sec. 7., aph. 1).

V.

Somnus, vigilia, utraque modo dum excedentia, malum. (Sec. 2., aph. 3).

VI.

Duobus doloribus simul obortis, non in eodem loco, vehementior obscurat alterum.
(Sec. 2., aph. 46).

Esta these está conforme os Estatutos. Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1851.

Dr. *Manuel Feliciano Pereira de Carvalho.*